

O QUE FAZ SER NORDESTINO: IDENTIDADES SOCIAIS, INTERESSES
E O "ESCÂNDALO" ERUNDINA (*)

—
▼
—
Maria Auxiliadora Lemenhe

O tema desse instigante trabalho, - cujos méritos foram reconhecidos pela Associação Nacional de Pós-Graduação, ao conferir à autora menção honrosa no Concurso de Teses no ano de 1991 - sugere que se inicie esta resenha perguntando: "quem é Maura Penna? Para ser coerente com sua proposta teórica, responder à indagação levaria a apresentar aqui "várias" Maura Penna. Eis alguns dos atributos que permitem reconhecê-la como **intelectual**.

Ao produzir o trabalho aqui apresentado, a **autora** obteve o título de **Mestre. Professora** na Universidade Federal da Paraíba, leciona no curso de Educação Artística e no Mestrado em Ciências Sociais. Tem um primeiro trabalho publicado pelas Edições Loyola (1987), sob o título *Reavaliações e Buscas em Musicalização*, igualmente distinguido com premiação, em concurso realizado pela Funarte, em 1987. Atributo pouco comum no meio acadêmico, a **socióloga (ou antropóloga?)**, ao transitar no campo das artes e no das ciências, se distingue entre seus pares. Marcas que permitem reconhecer Maura Penna como **pesquisadora** são apresentadas pelo professor Francisco Foot Hardman, seu orientador e prefaciador do livro. Arguta, autônoma e incansável em seu trabalho são algumas das qualidades reconhecidas por aquele que fala, sintetizadas na frase: "ela foi dessas orientandas que se pede a Deus". Contexto necessário para reconhecer a autora como **pesquisadora** e o livro aqui apresentado.

"O que faz ser nordestino" tem como objetivo central empreender uma discussão teórica sobre o conceito de identidade social, orientada para a compreensão da temática nas sociedades complexas.

(*) Por Maura PENNA. São Paulo: Cortez Editores, 1992.

Convergindo com outros estudiosos, a autora parte de dois pressupostos correlatos. Concebe identidade social como um construto que, enquanto tal, e destituído de existência própria (ou de existência real, nos termos de Lévi-Strauss). De outra parte, entende identidade como uma das instâncias ou processo através do qual os sujeitos (sociais e individuais) apreendem o mundo e se relacionam. É nesta dimensão que ao termo identidade pode ser associado a noção de "real". Nos dois pressupostos encontra a Maura Penna os recursos teóricos para posicionar-se contra a concepção de identidade como uma essência ou real substantivado.

Uma segunda consideração de ordem geral que deve ser destacada no sentido de melhor apresentar o trabalho refere-se ao caminho metodológico percorrido. Segundo explicitação da autora, a análise da identidade regional é elegida como meio de superar uma reflexão em abstrato (p. 15). Para tanto, analisa as representações construídas sobre Luiza Erundina de Souza. Tem como material empírico artigos, declarações, etc, editados em jornais/revistas das Regiões Sudeste (São Paulo, especialmente) e Nordeste (João Pessoa, exclusivamente), em período imediatamente após a eleição de Luiza Erundina (15/11 a 15/12/88) para a Prefeitura de São Paulo. Distinguido no material pesquisado "três eixos principais no jogo de reconhecimento" (p. 87) da candidata eleita, qual sejam, a identidade nordestina, a de petista e a de mulher, elege a primeira como instância principal da análise.

Destacamos aqui algumas das constatações apresentadas no capítulo III (Análise empírica: o jogo de reconhecimento no caso Erundina) através das quais pensamos poder melhor informar sobre o trabalho em seu conjunto.

Reconhecida por critérios classificatórios de natureza objetiva, Luiza Erundina é nordestina. Nasceu no Nordeste e viveu uma experiência familiar e pessoal "que apresenta traços que são constitutivos da representação corrente da região: origem rural, pobre, imigrante em São Paulo (p. 93). Percorrendo as matérias jornalísticas a autora desvenda diferentes conteúdos associados à condição de nordestina, assim como, o apelo a outros atributos sociais da prefeita eleita através dos quais "diferentes" Erundina são apresentadas (reconhecidas). Ainda, tendo a identidade nordestina como eixo principal da análise, confrontado a produção jornalística de São Paulo com a de João Pessoa, evidencia os diferentes conteúdos simbólicos construídos naqueles dois espaços. No primeiro, prevalece a identidade nordestina como um estigma, carregada portanto de negatividade. É a identidade nordestina construída como uma acusação que faz da vitória de Luiza Erundina um "escândalo". Na imprensa de João Pessoa, ao contrário, reveste-se de positividade. Origens regionais comuns, (compartilhadas por produtores e receptores e Erundina) e a ideologia regionalista (objeto de análise do capítulo I) são mobilizados na elaboração do "discurso do orgulho, que tem por eixo a identidade nordestina como elemento de coesão" (p. 123).

Na análise minuciosa dos diferentes significados atribuídos à Luiza Erundina, um conjunto de reflexões de natureza teórica e metodológica são trazidos à consideração pela autora, dentre os quais destacamos: a) conceituação de identidade social como representação/processo de simbolização/reconhecimento. Assim sendo, "As marcas de identidade não estão inscritas no real, embora os elementos sobre os quais as representações de identidade são construídas sejam dele selecionadas (p. 167); b) atribuições de identidade (como sistema de classificação) se estruturam e têm sua dinâmica alimentada por jogo de interesses, que separa/agrega indivíduos e grupos sociais em diferentes temporalidades e contextos. Esta perspectiva, inspirada em Bourdieu, e associada à anterior, vem enfatizar a necessidade teórica de distinguir identidade com um construto da idéia de identidade como uma essência. Se, enquanto produto de sujeitos interessados identidades sociais são reificadas, não podem sê-lo enquanto objeto do conhecimento; c) deslocamento do princípio da igualdade para o de relações de semelhança como fundamento para o conceito de identidade. Tal postura epistemológica enseja, ao contrário da circunscrição corrente ao princípio da identidade lógica ($A = A$), desvendar relações de diferenças/semelhanças subjacentes à construção de identidades sociais, e as materialidades que são tomadas como referências. Considera a autora que este deslocamento é caminho promissor para o estudo das identidades sociais nas sociedades complexas.

Um último comentário. No meio acadêmico brasileiro (ainda que não exclusivamente) institucionalizou-se a idéia de que tese de mestrado é um exercício intelectual de principiantes e para principiantes e como tal limitadas as expectativas quanto à contribuição de estudos desse ordem para o conhecimento científico. "O que faz ser nordestino" de Maura Penna surpreende e felicita ao romper com o padrão corrente. Dentre outros méritos do trabalho, enfatizo as várias lições teóricas e metodológicas que o texto apresenta. Sou uma das beneficiadas.